

# Crise da democracia motiva reflexão

Sob infidelidade partidária e busca pelo poder acima de ideologias, população não se sente representada; há formas de melhorar

SANDRO THADEU  
DA REDAÇÃO



O filósofo e teórico político suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) já alertava, em sua obra *Do Contrato Social*, sobre a impossibilidade da alienação da vontade política do povo e dos perigos de as decisões ficarem apenas nas mãos dos eleitos para os cargos do Executivo e do Legislativo.

O fato de a população não se sentir representada pelos políticos é um dos reflexos da crise da democracia no mundo. E esse quadro é ainda mais sintomático no Brasil.

Aqui, a situação se agrava com a grande quantidade de partidos (35) e a falta de clareza de ideologias e bandeiras na maioria deles. Isso torna o ambiente ainda mais propício para quem pensa de forma pragmática e busca um cargo público a qualquer custo.

Esse cenário se evidencia com o número de parlamentares que mudaram de sigla na última janela partidária, encerrada no dia 7: por 30 dias, quem está no fim de mandato



Estruturas partidárias deveriam criar meios para entender perspectivas da sociedade, afirma professor

neste ano pôde trocar de agremiação sem perder a cadeira. Na Câmara Federal, 85 dos 513 deputados o fizeram.

Para o filósofo e professor da Universidade Católica de Santos (UniSantos) Ricardo Cosa Galvanese, há uma contraposi-

ção muito forte entre as siglas ideológicas e fisiológicas: enquanto as primeiras agregam as pessoas a partir de crenças, valores e projetos políticos consistentes, as segundas agem por poder.

"Claro que a realidade é mu-

lto mais complexa. Temos partidos ideológicos com práticas fisiológicas. A fisiologia é um traço comum da cultura político-partidária brasileira. Isso coloca por terra as expectativas de definições ideológicas mais consistentes", destacou.

## CENÁRIOS

"A maioria das legendas do Brasil é de direita. Acredito que essa regra que entra em vigor neste ano enfraquecerá a direita envergonhada que se esconde nos partidos do centrão ou em pequenas legendas"

Rafael Mucinhato  
Cientista político

O docente entende que esse panorama do País está ligado diretamente à grande desigualdade social e à existência de uma democracia estritamente formal e representativa.

Por isso, Galvanese diz que as estruturas partidárias deveriam criar meios para entender o que a sociedade espera e que os governantes deveriam utilizar mais os mecanismos de participação direta da população.

"O avanço tecnológico permite a realização de mais plebiscitos e referendos. Isso é muito mais viável atualmente do que há 100, 200 anos. Precisamos de uma conjunção desses fatores para ter um horizonte melhor", frisa ele, que é mes-

tre em Educação pela UniSantos.

### DIREITA ENVERGONHADA

Para o cientista político Rafael Moreira Dardaques Mucinhato, várias legendas atravessam um momento de transformação interna. Por exemplo, o PSB, fundado em 1985, é um partido de centro-esquerda que sempre orbitou o PT, mas vem passando por mudanças. Uma ala quer manter esse perfil, enquanto outro grupo busca se aproximar de forças mais conservadoras.

O especialista entende que muitas legendas, de forma intencional e estratégica, não têm uma linha programática clara. Com isso, se perpetuam no jogo político. "Uma parte do eleitorado também falha ao não perceber que todo o mandato ou candidatura deve ser exercido por meio de um partido, que sempre é o resultado de uma atuação coletiva", ressalta.

Para ele, o início da vigência da cláusula de barreira para que as agremiações tenham acesso ao fundo partidário e ao tempo gratuito de rádio e televisão fará com que políticos escolham siglas maiores para seguirem em evidência.

## "Política tradicional está ruindo" Cresce articulação para a direita

■ A cientista política e professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Jacqueline Quaressemin, acredita que as grandes transformações morais, no trabalho e, principalmente, na comunicação têm contribuído para o avanço da onda conservadora na América Latina, após duas décadas de vitórias da esquerda nas eleições.

"Nesse processo, não cabe mais o modelo de política atual. E quem está se beneficiando nesse contexto é o discurso mais liberal, porque em um mundo que *cabe na mão* (por causa do uso de smartphones e do microblog Twitter), não cabe mais a representação por quatro anos, com altos salários, distante dos eleitores e que legisla em causa própria. Tal modelo de política tradicional está ruindo", ressaltou.

Na avaliação dela, que é pesquisadora do Centro de Pesquisa Atope da Universidade de São Paulo (USP) e diretora da Opinare Pesquisa e Consultoria, outras formas mais representativas de participação na política já são uma realidade, com projetos de cidadania digital e plataformas colaborativas.

"As siglas ainda se mantêm porque há grupos, considerados de minoria, que buscam ampliar sua visibilidade por tal via e por causa de políticos que

não pensam de forma inovadora, não querem largar o osso. Quando tais grupos (ditos minoritários) entenderem que a esfera pública digital pode interferir muito mais nas decisões e nos rumos de um país, certamente, as siglas terão que rever seus papéis ou poderão desaparecer", disse Jacqueline.

### PREOCUPAÇÃO

A cientista política e o professor de Filosofia da Universidade Católica de Santos (UniSantos), Ricardo Costa Galvanese, enxergam com preocupação os resultados de um levantamento divulgado no passado pelo Centro de Pesquisas Pew.

O instituto apontou que 38% dos brasileiros pensam que seria bom um governo militar. E 23% disseram não gostar de democracia. Para a docente, isso é reflexo de um país de pensamento conservador, principalmente pela formação do Estado brasileiro e pela exclusão da maioria da população nas decisões políticas do País durante muito tempo.

"O Brasil teve mais ditaduras que democracia no período republicano. E a própria esquerda não questiona a *democracia*, legitimando-a apenas na representação política via eleições, quando se sabe que se tem muito a fazer no que tange a direitos civis e liberdade individuais", frisou.

## NEM LÁ, NEM CÁ



"As pessoas não fazem distinção entre direita e esquerda. Esta é uma fala dos partidos, analistas. Tanto que você tem pessoas com valores morais conservadores que votariam no Lula, por exemplo. Há muito se vota em pessoas. E esse parece que será o perfil dominante, haja vista Donald Trump e João Dória, personagens midiáticos sem nenhuma trajetória política. No Brasil, onde a maioria da esquerda tem formação nos movimentos religiosos, não é possível dizer que seja de vanguarda, pensamento crítico"

### Jacqueline Quaressemin,

Professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pesquisadora do Centro de Pesquisa Atope da Universidade de São Paulo e diretora da Opinare Pesquisa e Consultoria

## DISTORÇÃO



"Muita gente é mau-caráter e utiliza alguns adjetivos para tentar denegrir e colocar uma pecha no MBL. Muito dificilmente um movimento que defende democracia, livre mercado, liberdade de imprensa e manifestação de pensamento pode ser chamado de fascista"

### Kim Kataguiri

Coordenador do Movimento Brasil Livre (MBL) e pré-candidato a deputado federal pelo DEM em São Paulo

■ Uma das principais articulações de direita do País é o Movimento Brasil Livre (MBL). Criado em 2014, o grupo foi fruto de uma reunião de cinco pessoas. Atualmente, tr, 173 núcleos no País (em deles na Baixada Santista) e cerca de 2.400 pessoas, entre voluntários e coordenadores.

A organização ficou muito conhecida por convocar várias mobilizações no País para defender a Operação Lava Jato, o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Também tem atuação muito forte nas redes sociais – a página do Facebook da entidade tem 2,761 milhões de seguidores.

Coordenador e um dos fundadores do MBL, Kim Kataguiri explicou que a ideia de iniciar esse trabalho político a fim de atingir a opinião pública se deu com a constatação da necessidade de levar as ideias liberais e conservadoras para a grande população, ao invés de ficar limitada a um pequeno grupo de pessoas.

"Criamos uma linguagem para que as pessoas pudessem compreender melhor essas propostas e como forma de elas participassem. Foi aí que, em 1º de novembro de 2014, fizemos a nossa primeira mobilização em defesa da operação Lava Jato e da liberdade de im-

prensa, devido ao vandalismo praticado contra o Grupo Abril em razão da edição da revista *Voz* daquela semana, que trazia uma reportagem dizendo que Dilma e Lula sabiam de todo o esquema de corrupção na Petrobras".

### PROPOSTAS CONCRETAS

Para Kataguiri, o forte trabalho de comunicação, aliado à conjuntura política do País por causa dos casos de corrupção no Governo Federal durante a gestão petista, ajudam a explicar o sucesso do MBL. "As pessoas ficaram muito decepcionadas e buscaram alternativas. Somos vanguarda em algumas bandeiras, como o fim do foro privilegiado", afirmou ele, que é pré-candidato a deputado federal pelo DEM, em São Paulo.

Nas próximas semanas, o MBL deverá lançar uma campanha com propostas para melhorar a segurança no País. A organização também é favorável à reforma da Previdência. "A proposta do Governo Temer é muito tímida e não resolve o problema em caráter definitivo. Por esse motivo, os professores da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) elaboraram uma proposta completa, que defendemos, e foi apresentada à Câmara como uma emenda", disse.